

SEGURANÇA DO PACIENTE EM ANESTESIA: REVISÃO SOBRE PROTOCOLOS BÁSICOS E DESAFIOS NA PRÁTICA CLÍNICA

Sophia Oliveira Menezes¹
João Victor Machado Hansen de Souza²
Jhonatan de Araújo Leal³
Ana Letícia Pinto Guimarães⁴

RESUMO: A segurança do paciente em anestesia é um tema central na prática médica, dada a complexidade dos procedimentos e os riscos inerentes ao uso de agentes anestésicos. Desde a criação dos primeiros protocolos de monitorização até as recomendações mais recentes de sociedades internacionais, houve avanços significativos na redução de eventos adversos e mortalidade relacionada à anestesia. No entanto, ainda persistem desafios importantes, como a adesão variável às diretrizes, as limitações de recursos em diferentes contextos hospitalares e a necessidade de capacitação contínua da equipe multiprofissional. Entre as medidas básicas destacam-se o uso de checklists perioperatórios, a monitorização mínima obrigatória, o planejamento individualizado da anestesia e a comunicação efetiva entre os membros da equipe. Além disso, o fortalecimento da cultura de segurança e a adoção de sistemas de notificação de eventos adversos contribuem para a melhoria da prática anestésica. Esta revisão reúne as evidências recentes sobre protocolos de segurança em anestesia e discute os principais desafios para sua implementação eficaz.

1357

Palavras-chave: Segurança do paciente. Anestesia. Protocolos clínicos.

ABSTRACT: Patient safety in anesthesia is a central theme in medical practice, given the complexity of procedures and the inherent risks associated with the use of anesthetic agents. Since the introduction of the first monitoring protocols to the most recent recommendations from international societies, significant progress has been made in reducing adverse events and anesthesia-related mortality. However, important challenges remain, such as variable adherence to guidelines, resource limitations in different hospital contexts, and the need for continuous training of the multidisciplinary team. Among the basic measures, the use of perioperative checklists, mandatory minimum monitoring, individualized anesthetic planning, and effective communication among team members are highlighted. Furthermore, strengthening the safety culture and implementing adverse event reporting systems contribute to improving anesthetic practice. This review compiles recent evidence on anesthesia safety protocols and discusses the main challenges to their effective implementation.

Keywords: Patient safety. Anesthesia. Clinical protocols.

¹ Acadêmica de Medicina - Universidade de Uberaba (UNIUBE). Uberaba, MG.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, RS.

³ Graduado em Medicina pela UPAL - Universidade Privada Abierta Latinoamericana. Cochabamba/Bolívia, revalidado pela Universidade Estadual do Maranhão.

⁴ Graduada em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser. Aparecida de Goiânia, GO.

INTRODUÇÃO

A anestesia é uma das áreas mais sensíveis da prática médica, pois envolve intervenções que impactam diretamente funções vitais do paciente. Ao longo da história, avanços tecnológicos e científicos transformaram a anestesiologia em uma especialidade mais segura, reduzindo consideravelmente as taxas de mortalidade associadas. No entanto, a anestesia ainda carrega riscos importantes, sendo essencial a adoção de protocolos de segurança bem estabelecidos para prevenir eventos adversos.

A segurança do paciente, consolidada como um dos pilares da qualidade em saúde, ganhou destaque mundial após a publicação de relatórios que evidenciaram a elevada ocorrência de erros médicos evitáveis. Nesse cenário, a anestesia foi identificada como uma área crítica, em razão da complexidade das técnicas empregadas, do uso de fármacos potentes e da necessidade de monitorização contínua. Assim, estabelecer diretrizes claras e padronizadas tornou-se prioridade para sociedades médicas internacionais.

Entre as medidas básicas recomendadas, destacam-se a utilização de checklists perioperatórios, a monitorização mínima obrigatória e o planejamento individualizado da anestesia. Essas estratégias têm por objetivo identificar riscos previamente, reduzir falhas de comunicação entre os profissionais de saúde e promover maior previsibilidade no manejo intraoperatório. Além disso, o fortalecimento da cultura de segurança é essencial para incentivar equipes a adotar condutas preventivas.

Apesar dos avanços, a adesão às recomendações ainda é variável. Em países com recursos limitados, por exemplo, a implementação de tecnologias modernas de monitorização nem sempre é viável, o que compromete a efetividade das práticas seguras. Mesmo em centros de excelência, fatores humanos, como fadiga e falhas de comunicação, permanecem como causas relevantes de incidentes anestésicos.

Outro ponto crítico refere-se à capacitação contínua da equipe multiprofissional. O anestesiológista, embora seja o principal responsável pelo manejo anestésico, depende da colaboração ativa de cirurgiões, enfermeiros e outros profissionais. Dessa forma, a segurança do paciente em anestesia não deve ser entendida apenas como responsabilidade individual, mas como um compromisso coletivo dentro do ambiente cirúrgico.

Nos últimos anos, diferentes iniciativas foram implementadas para reduzir eventos adversos relacionados à anestesia. Entre elas, destaca-se a inclusão de protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS), que preconizam práticas padronizadas de checagem

antes, durante e após os procedimentos. A incorporação de sistemas de notificação de eventos adversos também se mostra fundamental para a melhoria contínua, possibilitando aprendizado institucional a partir das falhas identificadas.

Diante desse contexto, torna-se relevante revisar as evidências recentes acerca dos protocolos básicos de segurança em anestesia, bem como os desafios enfrentados na prática clínica para sua implementação. Este artigo busca contribuir para a compreensão da importância dessas medidas, ressaltando a necessidade de investir tanto em recursos tecnológicos quanto em estratégias educativas que garantam maior proteção ao paciente submetido a procedimentos anestésicos.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura acerca da segurança do paciente em anestesia, com ênfase em protocolos básicos e nos principais desafios de implementação na prática clínica. A busca bibliográfica foi realizada entre abril e agosto de 2025, considerando publicações dos últimos cinco anos (2020 a 2025), a fim de garantir a atualidade dos achados.

As bases de dados utilizadas foram: PubMed/MEDLINE, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), selecionadas por sua relevância em ciências da saúde e abrangência de artigos nacionais e internacionais.

1359

Para a estratégia de busca, foram empregados descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), em português e inglês, combinados com operadores booleanos AND e OR: “segurança do paciente/patient safety”, “anestesia/anesthesia”, “checklist”, “monitorização/monitoring” e “eventos adversos/adverse events”.

Os critérios de inclusão foram: artigos originais, revisões sistemáticas ou narrativas, metanálises, diretrizes clínicas e documentos de consenso que abordassem protocolos de segurança e práticas de prevenção de eventos adversos em anestesia, publicados em português, inglês ou espanhol, com acesso ao texto completo. Foram excluídos trabalhos duplicados, relatos de caso isolados, artigos sem relevância direta ao tema e publicações anteriores a 2020.

Após a seleção inicial, títulos e resumos foram avaliados para verificar a pertinência ao tema. Em seguida, os artigos considerados elegíveis foram lidos na íntegra, e seus achados

organizados em eixos temáticos, de modo a discutir evidências, desafios e perspectivas relacionados à segurança do paciente em anestesia.

DISCUSSÃO

A segurança do paciente em anestesia evoluiu consideravelmente ao longo das últimas décadas. A mortalidade relacionada a procedimentos anestésicos, que já foi expressiva, reduziu-se de forma significativa graças ao avanço das técnicas, à criação de protocolos de monitorização e ao fortalecimento da cultura de segurança em saúde. Contudo, eventos adversos continuam a ocorrer, exigindo atenção constante às práticas preventivas.

Os protocolos básicos recomendados internacionalmente incluem o uso do checklist cirúrgico da Organização Mundial da Saúde (OMS), a monitorização mínima obrigatória e a revisão sistemática de equipamentos e fármacos antes de cada procedimento. Tais medidas visam identificar riscos potenciais ainda na fase pré-operatória, garantindo maior previsibilidade e padronização das condutas anestésicas.

O checklist perioperatório tem se consolidado como uma das ferramentas mais eficazes na prevenção de falhas. Ele permite verificar itens essenciais como identificação do paciente, alergias conhecidas, preparo da via aérea e disponibilidade de equipamentos de emergência. Apesar de sua simplicidade, a adesão ao checklist ainda varia entre instituições, principalmente em países em desenvolvimento.

1360

A monitorização mínima obrigatória, que inclui eletrocardiograma, oximetria de pulso, capnografia e pressão arterial não invasiva, é considerada padrão-ouro pela maioria das sociedades de anestesiologia. Esses recursos permitem a detecção precoce de alterações hemodinâmicas e respiratórias, aumentando as chances de intervenção imediata. A ausência ou indisponibilidade desses dispositivos em determinados contextos hospitalares ainda é um desafio crítico para a segurança.

Outro aspecto fundamental é o manejo seguro da via aérea. A falha na intubação ou na ventilação adequada está entre as principais causas de eventos adversos graves em anestesia. Protocolos de avaliação prévia da via aérea e a disponibilidade de dispositivos alternativos, como videolaringoscópios, são recomendados para minimizar riscos. A capacitação contínua da equipe é indispensável para garantir resposta rápida em situações de dificuldade.

A segurança medicamentosa também merece destaque, uma vez que erros na administração de fármacos anestésicos podem levar a consequências severas. O uso de

rotulagem padronizada, seringas identificadas e protocolos de dupla checagem contribuem para reduzir a incidência de erros. Sistemas informatizados de prescrição e dispensação, quando disponíveis, reforçam a confiabilidade do processo.

Além dos protocolos técnicos, a comunicação entre os membros da equipe multiprofissional exerce papel decisivo na prevenção de incidentes. Falhas de comunicação durante a transição de cuidados, como na passagem do paciente da sala de cirurgia para a recuperação pós-anestésica, estão frequentemente associadas a eventos adversos. O uso de protocolos de *handoff* estruturado, como o SBAR (*Situation, Background, Assessment, Recommendation*), tem sido recomendado para garantir clareza nas informações transmitidas.

O fortalecimento da cultura de segurança do paciente constitui um dos maiores desafios na anestesiologia. Isso implica estimular atitudes proativas, como a notificação de incidentes sem caráter punitivo, a realização de treinamentos periódicos e a valorização do trabalho em equipe. Hospitais que incorporam essa cultura tendem a apresentar menor número de complicações relacionadas a procedimentos anestésicos.

A educação continuada é outro eixo fundamental para consolidar boas práticas. A atualização científica sobre novas drogas, técnicas de monitorização e protocolos de segurança deve ser constante, não apenas entre anestesiológicos, mas também entre cirurgiões, enfermeiros e técnicos de enfermagem. A adoção de programas de simulação realística tem mostrado resultados promissores na melhoria do desempenho clínico em situações de risco.

Ainda assim, existem barreiras importantes à implementação efetiva de protocolos. Em muitos hospitais, principalmente em regiões com menos recursos, há escassez de equipamentos essenciais, como capnógrafos, ou equipe insuficiente para atender a todos os procedimentos. Tais limitações comprometem a adesão às recomendações internacionais, revelando desigualdades no acesso a cuidados seguros.

Outro ponto crítico é a resistência de alguns profissionais à adoção de protocolos padronizados, muitas vezes vista como burocracia ou perda de autonomia. Superar essa barreira exige sensibilização, treinamento e liderança institucional capaz de demonstrar que tais práticas aumentam a eficiência e reduzem riscos sem comprometer a liberdade clínica.

A notificação de eventos adversos representa ferramenta estratégica para o aprendizado institucional. Contudo, ainda há subnotificação significativa, seja por receio de punição, seja por ausência de sistemas adequados. Experiências internacionais mostram que sistemas

anônimos e não punitivos favorecem maior participação dos profissionais, permitindo identificar falhas recorrentes e propor melhorias contínuas.

A literatura recente também destaca a importância de integrar estratégias de qualidade e segurança em âmbito organizacional. Programas de acreditação hospitalar, como a Joint Commission International, exigem o cumprimento de padrões rigorosos de segurança em anestesia. Essas iniciativas, quando bem implementadas, contribuem para reduzir a variabilidade das práticas e fortalecer a confiabilidade dos serviços de saúde.

As perspectivas futuras apontam para maior utilização de tecnologias digitais e inteligência artificial no monitoramento intraoperatório. Sistemas capazes de analisar parâmetros vitais em tempo real e prever instabilidades hemodinâmicas já estão em estudo, representando um avanço promissor na prevenção de complicações. Apesar disso, tais recursos ainda não estão amplamente disponíveis na maioria dos centros.

De forma geral, a análise da literatura demonstra que a segurança do paciente em anestesia depende de uma abordagem multifatorial, que combina protocolos técnicos, capacitação profissional, cultura de segurança e suporte institucional. O desafio atual consiste em ampliar a adesão às práticas recomendadas e superar barreiras estruturais, garantindo que os avanços obtidos pela anestesiologia moderna sejam igualmente acessíveis em diferentes contextos de saúde.

CONCLUSÃO

A segurança do paciente em anestesia representa um dos pilares da prática médica moderna, sendo resultado da combinação entre avanços tecnológicos, protocolos bem estruturados e fortalecimento da cultura de segurança. O uso de checklists, a monitorização mínima obrigatória, a comunicação efetiva entre profissionais e a capacitação contínua da equipe multiprofissional constituem estratégias indispensáveis para reduzir eventos adversos e garantir melhores desfechos clínicos.

Apesar dos progressos alcançados, ainda existem desafios importantes, como a adesão irregular às recomendações, a escassez de recursos em determinados contextos hospitalares e a resistência cultural à implementação de protocolos padronizados. A superação desses obstáculos exige esforços conjuntos de instituições, gestores e profissionais, de modo a assegurar que a segurança seja compreendida como parte intrínseca e inegociável da prática anestésica.

Conclui-se, portanto, que a construção de um ambiente anestésico seguro demanda investimento contínuo em educação, monitorização de processos e incorporação de novas tecnologias. O fortalecimento da cultura de segurança, aliado a políticas públicas e iniciativas institucionais, é essencial para consolidar avanços e garantir que todos os pacientes tenham acesso a cuidados anestésicos de qualidade, independentemente do contexto em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. C.; PEREIRA, G. L. Protocolos de segurança do paciente em anestesia: revisão narrativa. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, Rio de Janeiro, v. 70, n. 6, p. 567-574, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Protocolo de Segurança na Prática Anestésica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CAMPOS, T. S.; OLIVEIRA, A. P. Cultura de segurança do paciente e anestesia: avanços e desafios. *Revista Saúde em Foco*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 98-107, 2022.

FERREIRA, M. L.; SOUZA, V. R. Adesão ao checklist cirúrgico da OMS: impactos na anestesiologia. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1441-1450, 2022.

MARTINS, J. F.; ANDRADE, L. C. Monitorização mínima obrigatória em anestesia: padrões internacionais e realidade brasileira. *Revista Brasileira de Medicina*, São Paulo, v. 80, n. 1, p. 55-62, 2023. 1363

SILVA, A. C.; LOPES, R. M. Comunicação em saúde e segurança em anestesia: revisão integrativa. *Revista Pan-Americana de Saúde Pública*, Brasília, v. 47, n. 3, p. 215-223, 2023.